

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal do Brasil

Class.: Kaiapó

Data: 24/10/88

Pg.: _____

Um até breve aos índios e à mata

Estudioso americano dos caiapós é autorizado a viajar para o exterior

Antônio José

BELÉM — O antropólogo norte-americano Darrel Posey, que está sendo processado com os caciques caiapó, Paulinho Paiacan e Cubei, pela Justiça federal em Belém, sob acusação de denegrir a imagem do Brasil no exterior, já tem definido o seu destino para os próximos dois anos: vai desfrutar de uma bolsa de pós-graduação que lhe foi concedida pela Fundação Van Hambaut da Alemanha Ocidental. Na sexta-feira da semana passada, apesar do processo que está correndo, ele recebeu autorização do governo brasileiro para deixar o país.

Posey, que há 11 anos trabalha para o museu paraense Emílio Goeldi, no Projeto Caiapó, disse que havia encaminhado seis pedidos ao governo para deixar o país sem ser atendido. Nem para conferências no exterior tinha autorização para sair. Se o governo não revogar a liberação, ele vai aproveitar o período na Alemanha para escrever mais dois livros, analisando o Projeto Caiapó, e espera fazer várias conferências pela Europa sobre os problemas, costumes, tradições e ciência dos índios caiapó, com os quais convive desde que chegou ao Brasil.

O antropólogo disse que hoje, na Europa, com as bibliotecas existentes, terá muito mais condições de desenvolver o seu projeto de estudo das plantas medicinais e das usadas como fertilizantes e defensivos naturais contra pragas nas aldeias caiapó. Segundo disse, a ciência dos caiapó, desprezada pelo homem branco, é, antes de tudo, uma lição de convivência harmoniosa com a natureza. "Como explicar o fato de os índios caiapó há milênios viverem da agricultura e da caça e pesca, sem depredar a natureza?", indaga o cientista, autor de 70 trabalhos sobre a vida da tribo.

Interdisciplinar — Financiado pelo World Wildlife Foundation (WWF-US) e International Foundation Ford, o Projeto Caiapó é um programa multidisciplinar de estudos sobre o conhecimento etnobiológico dos mēbēngōkre (caiapó), envolvendo pesquisadores do museu paraense Emílio Goeldi, Universidade de Campinas e várias instituições de ensino e pesquisa dos Estados Unidos e Europa.

Os pesquisadores atuam nos campos da etno-ornitologia (origem das aves), etnobotânica, farmacologia, lingüística, zoologia, astronomia, ictiologia (estudo dos peixes), artes plásti-



Manifestação dos caiapós em Belém protesta contra inquérito

cas, entomologia (estudos dos insetos), pedologia (estudo integral da criança) e apicultura, abrangendo toda a reserva Gorotire, às margens do Rio Fresco, no município de São Félix do Xingu, no sul do Pará.

Desde 1982, os pesquisadores vêm se deparando com a complexa ciência dos mēbēngōkre (homem que veio do rio) e sua refinada tecnologia de manejo nos diferentes ambientes amazônicos, o que para Posey é fruto de uma longa experiência acumulada.

Os índios caiapós parecem cultivar a rica diversidade biológica existente nos trópicos, manejando e mantendo o sistema integrado. De uma clareira aberta para o cultivo de alimentos surge uma floresta madura com uma intrincada rede de relações que reúne homem, plantas, animais, crenças e práticas.

Donos de uma profunda consciência ecológica, segundo o cientista, os caiapós aprenderam a máxima: "Para extrair algo da terra é preciso enriquecê-la mais ainda." Para Posey, esse conhecimento precisa ser divulgado como alternativa para evitar a devastação da floresta. Os caiapós mantêm uma roça com grande número de espécies e variedades, plantadas em condições microclimáticas (em clareiras na floresta para proteger a roça) bastante específicas. Plantam ilhas florestais no cerrado para retirar remédios, matéria-prima para diversas aplicações e que servem como *habitat* para animais de interesse muito especial, como as abelhas melipona.

Ecossistema — O grande segredo dos caiapós para manter esses ecossistemas e mais as florestas secundárias é a soma dos conhecimentos sobre a fertilidade do solo, propriedades

microclimáticas e os recursos de fauna e flora que incluem as técnicas de fertilização agrícola.

Os caiapós ensinam que entre uma roça e outra deve existir um corredor de floresta, o que possibilita a preservação e o manejo produtivo. Aos homens brancos, ensinam que as plantações devem ficar à beira da estrada, medida que evita mais aberturas de clareiras na floresta. "Já imaginou como ficaria a Belém—Brasília se a idéia fosse adotada?", exclama Posey, que é o coordenador do projeto.

Embora existam especialistas em solo na equipe do antropólogo, os caiapós mantêm sua disposição espacial regulada por um calendário astronômico e social, que conjuga fenômenos celestes, dados biológicos (relacionados à fauna e flora, regime de chuvas e rios) com as fases da vida social e cerimonial.

— O conhecimento indígena e sua presença nos trópicos sempre foi subestimada, mas é da ciência dos caiapós que estão sendo retirados pontos para sugestão à ciência ocidental em



Darrel Posey

áreas como etnologia, etnopedologia, etnozologia e muitas outras. Esses estudos podem auxiliar no delineamento de uma política de desenvolvimento para a região, sem implicar a destruição dos ecossistemas. A ciência dos caiapós demonstra que é falsa a velha polêmica de conservar ou desenvolver a região — argumenta Posey.